DANTE E O HOMEM MODERNO

Ivan Lins

Publicamos em seguida a palestra proferida para estudantes universitários, em Porto Alegre, no mês de outubro de 1966, pelo escritor Ivan Lins, da Academia Brasileira de Letras, a convite especial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nota da Redação

Dante constitui um universo, ao mesmo tempo filosófico e poético. E, por isto, se encanta, êle também intimida. Numas simples palestra, não me será possível senão assinalar algumas das linhas mestras da imensa congêrie de idéias, de símbolos, de imagens, de sentimentos e emoções que brotam de cada verso da *Divina Comédia*.

Começarei dizendo como, aos dezoito anos, com êle deparei na trajetória de meu espírito.

Foi através do Positivismo que, em 1922, travei conhecimento com o cantor de Beatriz. Num belo domingo de maio, dirigi-me, em companhia de meu pai, ao Templo da Humanidade, erigido por Miguel Lemos e Teixeira Mendes no Rio de Janeiro. Ia assistir a uma exposição da doutrina de Comte a ser feita, ao meio dia, pelo Dr. Bagueira Leal.

O corpo do templo é formado por vasta nave retangular e um recinto em semicírculo, onde se acha o altar da Humanidade, constituído por grande quadro em cujo entablamento, acompanhando-lhe a curvatura superior, se lê, gravado, em caracteres verdes, o verso de Dante:

Vergine madre, figlia del tuo figlio

Sobre uma coluna destaca-se, ao pé do quadro, o busto de Augusto Comte, cercado por outro verso da *Divina Comédia*:

Tu duca, tu signore e tu maestro!

Na frente do busto está a tribuna, de forma poligonal, ostentando no alto, em letras verdes, ainda um verso do florentino:

Vien dietro a me, e lascia dir le genti.

De cada lado do semicírculo se vê um quadro com Dante e Beatriz, e, ao longo da nave, abertos simetricamente nas paredes, quatorze nichos abrigam bustos policromos. Dêstes, treze evocam os principais promotores do progresso humano, que dão os seus nomes aos meses do Calendário Histórico instituído por Augusto Comte.

Do lado direito, Moisés recorda a teocracia inicial; em seguida, Homero personifica os primórdios da poesia; depois Aristóteles — a filosofia dos antigos; Arquimedes — a sua ciência; César — a civilização militar; São Paulo — o catolicismo e, finalmente, Carlos Magno — a civilização feudal.

No lado esquerdo é glorificado o evoluer da Humanidade nos tempos modernos, e o primeiro a aparecer é Dante, encarnando a poesia épica; depois Gutenberg — a indústria; Shakespeare — o drama; Descartes — a filosofia; Frederico II — a política; Bichat — a ciência e, por fim, no décimo quarto nicho, Heloisa relembra a mulher santificada pelo amor.

O oficiante iniciou a cerimônia com a saudação de São Bernardo à Virgem no derradeiro canto do *Paraíso*.¹

E, assim em meu primeiro contato com o Templo da Humanidade, deparei com Dante nada menos de sete vezes. Em seguida, aprofundando o estudo do Positivismo e tomando conhecimento do sistema de leituras aconselhado por Comte saltou a meus olhos a *Divina Comédia*, a incomparável epopéia em que até aqui reside o melhor título da arte humana, nas palavras do filósofo.²

1 — Veja-se a tradução da saudação de São Bernardo à Virgem, no *Paraíso* de Dante, adotada pela Igreja Positivista do Brasil, na sua publicação nº 204: Alípio Bandeira — *Um casamento positivista no ano 118*, p. 21, Rio, 1901.

2 — A. Comte, *Sistema de Política Positiva*, t. III, p. 542 da 1ª ed.

Comte lia, todos os dias, no original, um canto da *Divina Comédia* e julgava Dante o maior poeta de todos os tempos. De acôrdo com o seu princípio sociológico — os vivos são sempre necessariamente, e cada vez mais, governados pelos mortos, incluía o vate da *Divina Comédia* entre aquêles monarcas do pensamento, a que se referia Byron, os quais, mesmo depois de mortos, conservam o seu cetro e, do fundo de seus sepulcros multisseculares, continuam a dirigir nossas almas,³ pois foi um dêsses homens que traduzem a consciência do século e da sociedade a que pertencem. Sua época marcou o fim da Idade Média e a alvorada dos tempos modernos, e nêle encontramos traços tanto daquela, quanto dêstes últimos.

A concepção de Dante acêrca de Deus, do mundo e da sociedade continuava sendo, na observação de Renaudet, a das escolas medievas e, pelo respeito à dupla autoridade que devia dirigir os crentes — o Papa e o Imperador — assim como por sua veneração relativamente a Joaquim de Fiore e a São Francisco de Assis, êle permanecia fiel às tradições do século XIII. Suas obras patenteiam a sua familiaridade com os doutôres da Igreja. Embora eclético, êle adotava a exposição dos problemas teológicos apresentada, na *Summa* por Santo Tomás de Aquino. Não hesitava, porém, em completá-la e ultrapassá-la. Seduzido pelo racionalismo árabe, que conheceu através de Averróis, colocou, entre os grandes teólogos, Sigério de Brabante, averroísta impenitente, que, no céu do Sol, êle reconcilia com o Doutor Angélico.⁴

“Síntese perfeita da Idade Média no que esta produziu de mais grandioso — a fé profunda, exaltada e, entretanto, esclarecida, distinguindo, na terra, o humano do divino, Dante — segundo Focillon — tenta penetrar na essência das coisas e chegar até Deus, oculto nos seres e manifestando-se sim-

3 — Vide Byron: *Manfred*, at. III, c. 4º.

4 — Vide Augustin Renaudet, in *La Fin du Moyen Age*, par Henri Pirenne, Augustin Renaudet, Edouard Perroy, Marcel Handelsman e Louis Halphen, t. I, p. 252, da Coleção *Peuples et Civilisations*, Paris, Librairie Alcan, 1931.

bôlicamente nas estrêlas, nas pedras do caminho, nas formas das plantas e dos animais. O céu noturno, para êle, não é mera abóbada de veludo negro, prêsa por pregos de ouro. Ele a transpõe para alcançar a sublimidade ofuscante do Ser".⁵

É como homem da Idade Média que, a seus olhos, Vergílio personifica a Antiguidade. Por haver profetizado, na quarta *Écloga*, a vinda de Cristo, o cantor da *Eneida* é o seu guia através dos meandros do inferno cristão.

No limbo, êle saúda, em Aristóteles,

*il maestro di color che sanno*⁶

o príncipe eterno dos verdadeiros filósofos⁷, no dizer de Augusto Comte, guia e mestre dos grandes doutôres medievos — Santo Alberto Magno e Santo Tomás de Aquino.

Mas, não é só aí que Dante reflete a Idade Média. Através da purificação e do acréscimo de ternura acarretados pelo catolicismo, tornou-se o homem, no período medieval, mais capaz de amar, aplicando essa capacidade não só a Deus, mas à mulher, que lhe suaviza a existência, como companheira das horas de dor e alegria.

Coroamento da cavalaria, tornou-se então a mulher objeto de caloroso culto. Empenhavam-se os cavaleiros feudais em celebrar, através de heróicas façanhas, a eleita de seu coração, à qual referiam todos os seus pensamentos, sentimentos e atos.⁸

A doce imagem de sua dama, sonhada nas solidões dos campos de batalha, desenhada, de contínuo diante dos olhos, e gravada com um sêlo de saudade em tôdas as suas cogitações⁹, inspirava ao cavaleiro a coragem e a firmeza, exigi-

5 — Vide *La Civilisation Occidentale Au Moyen Age du XIe au milieu du XVe siècle*, par Henri Pirenne, Gustave Cohen e Henri Focillon, t. VIII da coleção *Histoire Générale*, publiée sous la direction de Gustave Glotz, Paris, Les Presses Universitaires, 1933, p. 317.

6 — Vide Dante: *La Divina Commedia*, Inferno, canto IV, v. 131.

7 — Vide A. Comte: *Sistema de Política Positiva*, t. II, p. 251 da 1ª ed.

8 — Vide Sainte-Palaye: *Mémoires sur l'ancienne chevalerie*, t. I, p. 6, Paris, Girard, Libraire-Éditeur, 1826.

9 — Vide Alexandre Herkulano: *Eurico, o Presbítero*, pp. 269 e 270 da 24ª edição, Alilaud e Bertrand, Paris, Lisboa.

das pelas difíceis emprêsas do tempo, sem jamais abandoná-lo... Tal o cavaleiro de Tasso no verso famoso:

*Brama assai, poco spera e nulla chiede*¹⁰

Deseja muito, pouco espera e nada pede...

Esse amor medieval, cortês, generoso e puro foi por Dante fielmente retratado nessa *primavera da vida* que é, no dizer de Hauvette,¹¹ a *Vita Nuova*.

É aí que, pela primeira vez, aparece no mundo a figura da *Inspiradora* ou seja a mulher que, através do amor, eleva o homem acima da vulgaridade do quotidiano, afinando-lhe e sublimando-lhe os sentimentos.

Esse ofício da *Inspiradora* foi, por Augusto Comte,¹² caracterizado através de dois versos, um de Dante e outro de Petrarca:

*Quella che'mparadisa la mia mente*¹³

*Ogni basso pensier del cor m'avulse*¹⁴

Aquela que encanta a minha mente afasta, do meu coração, todo pensamento impuro.

Amostra expressiva da nova concepção do amor, retratada por Dante na *Vita Nuova*, é o soneto XV, que, nas palavras de Joaquim Nabuco, "fica acima de todos os sonetos amorosos, como o limite nunca mais atingido":¹⁵

10 — Tasso: *La Gerusalemme Liberata*, c. II, v. 16.

11 — Vide Henri Hauvette: *Dante — Introduction à l'étude de la Divine Comédie*, p. 97 da 3ª edição, Paris, Librairie Hachette, 1919.

12 — Vide Augusto Comte: *Catecismo Positivista*, p. 19 da trad. portuguesa de Miguel Lemos, 3ª ed., Rio, 1905.

13 — Dante: *Paradiso*, canto XXVIII, v. 3.

14 — Petrarca: *Il Canzoniere*, Parte seconda, soneto CCCLI, p. 429 da edição Hoepli, Milano, 1908.

15 — Vide Joaquim Nabuco: *Discursos e Conferências nos Estados Unidos*, p. 48 da trad. do inglês por Artur Bomilear, Editor Benjamin Aguilã, Rio de Janeiro.

*Tanto gentile e tanto onesta pare
La dona mia, quand'ella altrui saluta,
Ch'ogni lingua deven tremando muta,
E li occhi non l'ardiscon di guardare.*

*Ella si va, sentendosi laudare,
Benignamente d'umiltà vestuta,
E par che sia una cosa venuta
Da cielo in terra a miracol mostrare.*

*Mòstrasi sì piacente a chi la mira,
Che dà per li occhi una dolcezza al core,
Che 'ntender non la può chi non la prova.*

*E par che dela sua labbia si mova
Un spirito soave pien d'amore,
Che va dicendo a l'anima: Sospira!* ¹⁶

Reproduzo aqui a bela tradução que, dêste sonêto, fêz
Cassiano Tavares Bastos:

*Tão gentil e virtuosa se apresenta
A minha amada, quando a alguém saúda,
Que tôda língua treme e fica muda,
Nem mesmo ousado olhar fixá-la tenta.*

*Sentindo-se louvada, ela se escuda
Na humildade, às lisonjas desatenta;
Dom do céu, é um milagre que se ostenta
Sôbre a face da terra triste e ruda.*

*Agrada tanto a quem a vê e tanta
Dogura infunde o seu olhar de Santa,
Que não o crêra quem o não sentira;*

16 — Dante: *Vita Nuova*, sonêto XV, pp. 219 e 220 da edição Hoepli, Milano, 1921.

*E dos seus lábios emanar parece
Suave fluido de amor que a alma eternece,
Qual meiga voz a murmurar: Suspira!* ¹⁷

E, assim, Dante ainda encarna a Idade Média como o poeta do amor sob a sua mais sublime forma — “o amor, a mais bela das invenções medievais, essa rara e preciosa associação de sonho céltico, de espírito francês e de paixão cristã, que não é só — no dizer de Focillon — o liame da carne e a fatalidade dos corpos, mas a suprema atração das almas, sem dúvida almas humanas, habitando corpos sexua- dos, mas que seu anelo arrasta para o Deus de que emana- ram. É em Dante e em Petrarca que é preciso procurar a apo- teose do amor cortês, provençal, fatalidade que precipita Tris- tão nos braços de Isolda. No caso, porém, do cantor da *Di- vina Comédia*, Isolda já está morta, ou, antes, já foi chama- da à vida eterna. Se apareceu a Dante sob a forma etérea e grácil de Beatriz, não foi senão para conduzir seu amante terrestre às esferas celestes, onde ela o precedeu na órbita do Todo-poderoso. Ela se torna o lugar das idéias, o pólo magnético da beleza suprema, o ponto sem extensão e, por isto mesmo, infinito, no qual se confundem o sentimento es- tético e o sentimento humano”. ¹⁸

Até aqui temos visto Dante como homem típico da Ida- de Média. Vejamos agora o Dante moderno, já trabalhado pe- las fôrças demolidoras do seu tempo. Para isto, porém, temos de relembrar rãpidamente os primórdios da desagregação do sistema católico-feudal começada em seus dias.

Os fenômenos sociais, como todos os outros, são conti- nuos, e as datas, como pontos de referência, sômente servem para fixar as idéias, impedindo as divagações, sem que ja- mais se lhes possa atribuir valor absoluto.

Conseguira o catolicismo, no século XII, que é o do apo- geu da Idade Média, estabelecer, em quase tôda a Europa, um sistema de idéias onde ninguém contestava o valor da

17 — Vide Cassiano Tavares Bastos: *Dante e outros poetas italianos*, pp. 114 e 115, Edições Gráfica Laemmert, Ltda., Rio de Janeiro, 1953.

18 — Vide Henri Pirenne, Gustave Cohen e Henri Focillon, *op. cit.*, p. 337.

moral, que lhe era ensinada, e a legitimidade dos laços que determinam as relações entre os homens. A ninguém ocorria modificá-los, porquanto “ninguém concebia uma organização social mais perfeita e nem apenas diversa da que o cercava. No pensamento da época, limitava-se o mundo à abóbada estrelada, estendida sobre nossas cabeças, dirigindo-se a oração a Deus e aos santos, como a vizinhos mui próximos, que incessantemente interferem nos negócios humanos, vivendo familiarmente na terra, tal qual além das nuvens”.¹⁹

Cria-se então em Deus, não em geral e dêsse modo um pouco vago e arbitrário, nesse distanciamento para o qual a ciência moderna o faz cada vez mais recuar; mas — na observação de Saint-Beuve — “num convívio incessante como se estivesse presente nas menores ocorrências da vida. Achava-se então o mundo, a cada passo, semeado de obscuridades, embustes e ardis; o ignoto estava por toda parte e por toda parte também o invisível protetor e sustentáculo... Lá, no alto, aberto, se via o céu, povoado de figuras vivas, patronos atentos e manifestos... O mais intrépido guerreiro vivia nesse misto habitual de confiança e medo, como se fôra pequenina criança...”²⁰

Entretanto, com o desenvolvimento intelectual, operado sob a direção do próprio catolicismo, começaram os seus dogmas fundamentais a ser discutidos e postos em dúvida, não por perversão moral, mas por incompatibilidade intelectual, de que é exemplo típico aquele *grande mestre de teologia* do tempo de São Luís, rei de França, que, poucos anos antes do nascimento de Dante, procurou o bispo de Paris a fim de dizer-lhe, debulhado em lágrimas amargas, não mais conseguir obrigar o seu espírito a aceitar a eucaristia.²¹

19 — Vide Fr. Funck-Brentano: *Le Moyen Age*, p. 151 da 5ª ed., Librairie Hachette, Paris. Vide ainda Gaston Paris: *La Poésie du Moyen Age*, 1ª série, p. 11, da 10ª ed. Librairie Hachette, Paris.

20 — Apud G. Hubaut: *De l'enseignement de l'histoire en France*, p. 26, citado por Léon Gautier: *La Chevalerie*, p. 34, nota 2, nouvelle édition, Sanard et Derangeon, Paris.

21 — Vide Joinville: *Vie de Saint-Louis*, livro I, c. 7ª, pp. 21 e seguintes da edição da Société de Saint-Augustin, Desclée, de Brouwer et Cie., Lille, e H. Wallon: *Saint Louis et son temps*, p. 418, Alfred Mame et fils, éditeurs, Tours, 1878.

Em 1239, vinte e seis anos antes do nascimento de Dante, já atribuía o papa Gregório IX ao imperador Frederico II o pensamento sacrílego de haver sido o mundo ludibriado por três impostores: Jesus Cristo, Moisés e Maomé, devendo estes dois últimos, que morreram cheios de glória, ser colocados acima do primeiro, que pereceu numa cruz.²² Compreende-se, assim, sejam numerosos os ateus no *inferno* de Dante,²³ onde se acha arrolado entre eles o Cardeal Ubaldini, bispo de Bolonha, amigo e partidário do imperador Frederico II.

Apoiando-se o regime católico-feudal no equilíbrio entre o seu respectivo poder temporal, fundamentalmente militar, e o seu poder espiritual, essencialmente teológico, não podia deixar de ser transitório, provindo-lhe a ruína do inevitável conflito entre essas duas forças antagônicas.

Tendia, na verdade, o poder militar, por sua própria natureza, para a supremacia completa, enquanto o sacerdócio, dado o caráter absoluto de seu dogma, propendia a absorver o mando, inclinando-se a restabelecer as antigas teocracias.

Trazendo, assim, em seu próprio seio, o germe da decomposição, começou a meia idade a dissolver-se desde fins do século XIII, quando Bonifácio VIII, ao seguir as pegadas de Inocêncio III, tentou estender as usurpações temporais dêste e de outros de seus antecessores. Postou-se-lhe, porém, à frente, inflexível, Felipe o Belo, e a prisão de Bonifácio VIII pelo legista Nogaret, em Anagni, em 1303, em plena vida de Dante, assinala o estalar da Revolução Moderna.

Prêso, vilipendiado, e até, segundo alguns, esbofeteado, privado da própria vida em consequência dos violentos insultos de Felipe, o qual, embora fulminado com a excomunhão, levava ao auge o menoscabo da autoridade pontifícia, tinha Bonifácio VIII todos os direitos à vindicta de seus sucessores.

22 — Vide Abade Fleury: *Histoire Eclésiastique*, t. V, pp. 299 e 300 da ed. Didier, Paris, 1844.

23 — Vide Dante: *Inferno*, canto X, vv. 14 e 15 e seguintes. Sobre o ateísmo na Idade Média, veja-se Langlois *La Vie en France au Moyen Age, d'après des moralistes du temps*, t. II, pp. 229, 230, 375 e 376, et passim, Paris, Librairie Hachette, 1926.

res. Estes, porém, não só lhe anularam as bulas, como ainda admitiram Felipe à comunhão da Igreja, “sem a mais mínima retratação” — diria, apelando para um latinismo, Filinto Elisio.

“É de se notar — observa o Abade Fleury, nesse monumento de honestidade e erudição, que é a sua *História Eclesiástica* — “é de se notar só haja o Rei [de França] autorizado os seus emissários a *receberem*, e não a *solicitem* a absolvição papal”.²⁴

Aniquilando a autoridade dos sumos pontífices na pessoa de Bonifácio VIII:

Lo principe de'nuovi Farisei,

como lhe chama Dante,²⁵ subordinou definitivamente Felipe o Belo, à realeza, o poder espiritual do regime medievo, e fez eleger, como sucessor de Bento XI (que menos de um ano permaneceu no sólio pontifício), o francês Clemente V. Inaugurou este, na expressão de Petrarca, o *segundo cativo de Babilônia*, ao transladar, em 1309, doze anos antes da morte de Dante, a Santa Sé de Roma para Avinhão, o que deu lugar, depois de setenta anos de inomináveis escândalos, ao clisma, de quase meio século, conhecido, na história como *Grande Clama do Ocidente*.

Por outro lado, cessadas as invasões, e terminada a tarefa de defesa da Europa, consolidada pelas cruzadas, perdera o feudalismo sua razão social de ser, desagregando-se, desde então, aceleradamente.

Foi o que salientou Michelet: “Em Felipe, o Belo, neto de São Luís, começam os tempos modernos; a Idade Média foi esbofetada em Bonifácio VIII e as cruzadas queimadas na pessoa dos templários”.²⁶

E, destarte, pelo jogo exclusivo de seus próprios elementos, começou a ruir, pouco e pouco, essa soberba cons-

24 — Vide Abade Claude Fleury, *op. cit.*, t. V, p. 685. Cf. Hallam: *Europe during the Middle Ages*, p. 387 da ed. Ward, Lock, Howden and Co, London, New York and Melbourne.

25 — Dante: *Inferno*, c. XXVII, v. 85.

26 — Vide Michelet: *Histoire de France*, t. II, p. 607 da 1ª ed., Paris, Librairie Classique de L. Hachette, 1833.

trução, o regime católico-feudal — obra prima política da *sabedoria humana* — no dizer do fundador da Sociologia.²⁷

Reconhecendo não lhes bastar mais a persuasão — única força do catolicismo, quando, socialmente oportuno, enfrentava as legiões romanas, passaram os pontífices a apelar cada vez mais, desde Inocêncio III, para a força militar a fim de manterem a unidade da doutrina, aberração tanto mais injustificável quanto o objeto do poder espiritual é exatamente o de suprir, pela persuasão, as deficiências da força bruta.

As chacinhas tremendas contra os albigenses não conseguiram, no século XIII, deter as heresias, que se repetiram com intensidade e importância crescentes, provando inútil o estabelecimento da Inquisição, isto é, do aparelho especialmente destinado a salvaguardar a fé, à custa de quaisquer processos.

E as concepções teológicas, em vez de instrumentos de união, tornaram-se cada vez mais o fermento de divisões e violências que se sucederam e se agravaram dia a dia com maior aspereza.

Pressentindo-o, lançou Dante, no *Paraíso*, com a intuição do vate, a advertência que caracteriza os tempos modernos:

*Tu perchè non ti facci meraviglia
Pensa che in terra non è chi governi
Onde se svia l'umana famiglia...*²⁸

*Tu, para não teres surpresa,
Pensa que não há na terra quem governe;
Eis por que se extravia a humana família.*

O espanhol Alvaro Pelayo, um dos mais ardentes defensores do papado em todos os tempos, traça, no *De Planctu Ecclesiae*, terminado em 1332, apenas onze anos depois da morte de Dante, tremendo quadro da decadência religiosa em

27 — Vide A. Comte: *Curso de Filosofia Positiva*, vol. V, p. 231 da 4ª ed., Librairie Baillière et fils, Paris, 1877.

28 — Dante: *Paradiso*, canto XXVII, vv. 139-141.

sua época. Apesar de seu férvido apêgo à causa dos papas, não trepida em escrever: "dominam os lobos na Igreja, apascentam-se de sangue e no sangue se acha imersa a alma de cada um dêles": *lupi sunt dominantes in Ecclesia: pascuntur sanguinem; anima uniuscuiusque eorum in sanguine est.* ²⁹

Não diverge Dante do dizer, no *Paraíso*, referindo-se a dois dos papas de Avinhão — João XXII e Clemente V:

*In vesta di pastor lupi rapaci
Si veggion di quassù per tutti i paschi:
O difesa di Dio, perchè pur giaci?
Del sangue nostro Caorsini e Guaschi
S'apparechian di bere; o buon principio
A che vil fine convien che tu caschi!* ³⁰

*Com vestes de pastor lobos vorazes
Vêem-se daqui em todos os pascigos:
Ó vindicta de Deus, por que detens-te!
Para o sangue beber-nos se apercebem
Caorsinos e Guascos: sã doutrina,
A que abismos hás chegado a rebaixar-te!* ³¹

Os Caorsinos e Guascos, a que alude o poeta, são os papas João XXII, natural de Cahors, e Clemente V, originário da Gasconha.

É só conhecendo estas circunstâncias da época de Dante que se compreendem certas de suas atitudes de franca revolta e quase heresia, porquanto *o homem é de seu século, mesmo a seu pesar.* ³²

Não obstante a sua fé profunda, a obra de Dante está, como não podia deixar de ser, impregnada das inquietações de seu tempo e, como frisa Bridges, Lutero jamais escreveu

29 — Apud Luís Pastor: *História dos Papas desde o fim da Idade Média*, precedida de um breve do papa Leão XIII, p. 83, nota 2, e p. 89, do t. I, da trad. francesa de Furey Raynaud, 6ª ed., Paris, Librairie Plon, 1925.

30 — Dante: *Paradiso*, canto XXVII, vv. 55-60.

31 — Tradução do Barão de Vila da Barra, p. 475 da ed. Garnier, Rio, 1905.

32 — Vide A. Comte: *Système de Politique Positive*, vol. IV, *Appendice Général*, p. 50, 1ª ed., Paris, 1854; *Correspondence Inédite*, 2ème série, p. 281, Paris, 1903, Cf. *Lettres à Valat*, p. 186, Paris, 1870.

ou disse, sobre os papas simoníacos e corruptos, nada tão forte quanto o décimo nono canto do *Inferno*. Aí coloca Dante os papas Nicolau III, Bonifácio VIII e Clemente V numa das *bolgias*

..... *della città dolente*
..... *nell'eterno dolore*
..... *tra la perdutta gente* ... ³³

Invectivas contra a degradação papal são reiteradas no *Paraíso*, onde aparecem com singular simetria, como para mostrar quanto a indignação do florentino se integrava na estrutura do seu poema. ³⁴

Numa atitude revolucionária, e inteiramente nova para um leigo, Dante assume, na *Divina Comédia*, o ofício de juiz supremo, até então reservado a Deus, e submete à sua incorrível sentença os maiores mortos da Igreja e do Estado, condenando-os ao *Inferno*, ou glorificando-os no *Paraíso*, quer hajam sido reis ou imperadores, doutores, cardeais ou papas.

Prova essa atitude quanto estava abalado o sistema católico-feudal, pois, tomada um século antes, principalmente por um leigo, senão ele mesmo, ao menos o seu poema teria sido, como herético, lançado à fogueira. ³⁵

Por outro lado, o critério com que Dante julga e condena às penas eternas já não é o mesmo da Igreja.

O *Inferno* contém trinta e quatro cantos. Dêstes, os três primeiros são introdutórios. Os trinta e um restantes são dedicados à enumeração das várias espécies de pecados. Aos primeiros sete círculos infernais são consagrados quatorze cantos e os dois últimos círculos observem nada menos de dezessete, exatamente a metade de todos os cantos do *Inferno*. E êsses dois últimos círculos sòmente encerram os con-

33 — Dante: *Inferno*, canto III, vv. 1-3.

34 — Dante: *Paradiso*, c. IX, vv. 125 e seguintes; c. XVIII, vv. 115-136; c. XXVII, vv. 22 e seguintes.

35 — Vide A. Comte: *Système de Politique*, t. III, p. 542 e John Henry Bridges: *Dante's position in the history of Humanity*, in *Essays and Addresses*, p. 220 e seguintes, London, Chapman and Hall Ltd., 1909.

denados por fraude e traição, separadas, assim, dos demais pecados, como algo muito mais grave do que êles. Essa diferença de condenação não se encontra em nenhum teólogo, nem nos decretos de qualquer concílio, mas sòmente na moral do feudalismo.³⁶

A primeira obrigação do cavaleiro feudal era *ser bravo*. Nos rudes tempos medievos, em que a força não se distinguia do direito, a coragem devia ser, de fato, a virtude por excelência.

Vinha, em seguida, a *lealdade*, que, na ponderação de Augusto Comte, admiravelmente combinava as duas qualidades essenciais da Idade Média: o *devotamento* e a *sinceridade*.³⁷

A lealdade representava o devotamento unido ao respeito da palavra dada, conduzindo ao desassombrado desempenho de todos os compromissos assumidos.

Compreende-se, facilmente, a importância dessa virtude numa sociedade, como a feudal, porquanto assentava na proteção e devotamento recíprocos, que uniam o senhor e seus vassallos. Tão fortes eram êsses laços que suplantavam até os do próprio sangue.

Numa das mais empolgantes epopéias medievais: *Os Quatro Filhos de Aymon*, encontra o velho Duque Aymon, nas Ardenas, seus quatro filhos, que se haviam sublevado contra o seu senhor feudal.

— Que fará o velho vassallo?

— Trairá o seu suserano, ou combaterá seus próprios filhos, muito embora com o coração despedaçado?

— Ai de mim! — exclama — por que não fugiram os meus filhos; por que me haviam de colocar na situação de lhes dar batalha? Se nela morrerem, quanto me sangrará o coração!

O Conde Hermenfroi estimula-o:

— Nenhum homem de vossa idade, com a barba embranquecida, deve perjurar, nem por filho, nem por amigo; quem a seu senhor trai, a Deus renega.

— Longe de mim tal — responde-lhe o velho Duque — e, enquanto os não houver desfeito, jamais de mim obterão tréguas.

— *Nus hom de vostre eage, qui le poil ait flori,
Ne se doit parjurer, por fils ne por ami,
Et qui son seignor boise (trahit), bien a Deu relenqui (renié),
— Par mon chief, dist li dus (duc), je vos ai bien oi (entendu),
Jamais (mes fils) n'y aront trives (trêves), orendroit*
[(les desfi!)]

(*Les Quatre fils Aymon*, v. 2977)

E o pobre velho, com o coração partido, sorvendo as lágrimas, envia arautos aos filhos, declarando-se seu adversário.³⁸

Noutro poema, de um belo terrível — *ultra feudal* — Bernier, o *vassallo fiel*, acompanha seu senhor até no ato de incendiar o convento de que era monja sua própria mãe: “Raul, meu senhor — exclama — é mais fementido do que Judas, mas é meu senhor”. E os que o escutam, lhe retrucam: “Bernier, tens razão”.

*Raoul, mes sires, est plus fel que Judas
Il est mes sires, chevaux ne donne et dras
Ne li fauroie por l'onnor de Damas.
Tant que tuit dient: “Bernier, le droit en as”*³⁹

Neste caso, como no do preceito cristão de *oferecer a outra face* depois de uma bofetada, o absolutismo e o excesso eram os mesmos. Mas, dada a mentalidade bárbara, não eram imprescindíveis?

E, inclusive, graças a tal absolutismo e excesso, que hoje encontramos tantos *homens de palavra*, encarnando, sem o saberem, o ideal formulado por Ariosto, que traduz bem a veemente repulsa da traição consignada por Dante no *Inferno*:

36 — *Apud* Fr. Funck-Brentano, *op. cit.*, p. 12.

37 — *Apud* Léon Gautier, *op. cit.*, p. 75.

36 — *Vide* Bridges, *op. cit.*, p. 224.

37 — *Vide* A. Comte: *Système de Politique Positive*, t. III, p. 456.

*La fede unqua non debbe esser corrota.
O data a un solo, o data insieme a mille:
E così in una selva, in una grotta,
Lontan dalle citadi e dalle ville,*

*Come dinanzi a tribunali, in frotta
Di testimon, di scritti e di postille,
Senza giurare, o segno altro più espresso,
Basti una volta che s'abbia promesso.*⁴⁰

A fé nunca deve ser quebrada, ou dada a um só, ou dada ao mesmo tempo a mil; quer o haja sido numa brenha, numa grotta, longe das cidades e das aldeias, ou diante dos tribunais, perante testemunhas, por escrito e ato autêntico: baste uma vez haver prometido.

Corolário natural da lealdade, era formal a condenação da mentira. Um dos epítetos mais freqüentes de Deus era — *aquêle que não mente*. Nada mais comum, nas epopéias medievais, do que o juramento: *Par Dieu qui ne mentit*.⁴¹ E daí a execração que, à fraude e à mentira, preponderantemente consagra Dante no *Inferno*.

Augusto Comte concordava com o poeta a propósito da veemente condenação por êle feita da fraude e da traição, visto serem mais nocivas à sociedade do que a gula, a embriaguês e outros desregramentos que prejudicam mais diretamente o próprio indivíduo do que a coletividade. E se tais falhas são condenáveis é porque, ao incidir nelas, o indivíduo se torna impróprio para o serviço social. O dever, na moral positiva, é prescrito visando não apenas ao indivíduo, mas considerando-o, antes de mais nada e acima de tudo, membro necessário da coletividade.

Onde, entretanto, Dante mais revolucionário se revela, ao contrariar diretamente os ensinamentos da Igreja, é em atribuir a Catão de Útica a guarda do *Purgatório*, até o dia em que, novamente revestido de seu corpo, seja, resplendente de gló-

40 — Ariosto: *Orlando Furioso*, canto XXI, estr. 2ª.

41 — Vide Léon Gautier, *op. cit.*, p. 81.

ria, admitido no *Paraíso*,⁴² quando, na sua qualidade de pagão, devia estar no Limbo e, como suicida, no sétimo círculo do *Inferno*.⁴³

Ponto da maior importância, em que Dante se tornou um precursor eminente do fundador da Sociologia, é o da separação dos dois poderes — temporal e espiritual. Discordando radicalmente de Santo Tomás de Aquino e dos teólogos do século XIII, que consideravam o papa o ápice e o árbitro dos dois poderes,⁴⁴ Dante sustenta a sua separação e completa independência recíproca, ficando a autoridade do Sumo Pontífice confinada exclusivamente no domínio espiritual,⁴⁵ tese que só em nossos dias vem afinal prevalecendo em quase todo o Ocidente.

Tão revolucionário era o ponto de vista sustentado por Dante, em seu livro *Da Monarquia*, sobre a separação dos dois poderes, que, em 1329, oito anos depois de sua morte, foi uma de suas cópias queimadas por ordem do papa João XXII e, ao ser impresso pela primeira vez em Basiléia, em 1559, foi a sua leitura imediatamente proibida, somente saindo das listas da Congregação do *Index* no século passado, durante o pontificado esclarecido de Leão XIII.⁴⁶

Mas, não é somente sob êsse aspecto que o seu tratado *Da Monarquia* honra o seu gênio,⁴⁷ porque aí êle se faz também arauto da paz universal.

42 — Dante: *Purgatório*, canto I, v. 75.

43 — Sobre a circunstância de achar-se Catão no *Purgatório*, devendo um dia ingressar no *Paraíso*, apesar de pagão e suicida, veja-se o comentário de Scartazzini, p. 323 de *La Divina Commedia*, oitava edição, Hoepli, Milano, 1920, e Henri Hauvette, *op. cit.*, pp. 298-300.

44 — Vide Dante: *De Monarchia*, l. III, c. 3, pp. 364-365, et passim, da edição do Dr. E. Moore: *Tutte le Opere di Dante Alighieri*, Oxford, 1894, e Étienne Gilson: *Dante et la philosophie*, pp. 183 e seguintes, *signaliter* 209, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1939. Vide ainda Augustin Renaudet: *Dante Humaniste*, pp. 230-235.

45 — Vide Étienne Gilson, *op. cit.*, p. 222.

46 — Vide Augustin Renaudet: *Études Erasmiennes*, pp. 95-97, Paris, Librairie E. Droz, 1939 e, do mesmo autor: *Dante Humaniste*, p. 238, Paris, Société d'Édition Les Belles Lettres, 1952.

47 — Vide Étienne Gilson: *As Metamorfoses da Cidade de Deus*, tradução espanhola de Benjamin Aguero, p. 119, Editorial Troquel, Buenos Aires, 1954.

Agir — aos seus olhos, segundo o lúcido resumo de Gilson — “é uma extensão do conhecimento. E êste seria totalmente alcançado pela humanidade se pudessem todos os entendimentos humanos livremente dedicar-se ao exercício da inteligência ou trabalhar sob a orientação dela. Para realizar-se êsse ideal uma condição se impõe — a paz. É na calma e no repouso que o homem adquire a sabedoria e a prudência, e não na agitação e na luta. Acontece o mesmo com a humanidade. Sem uma paz tranqüila, não pode ela realizar a missão que lhe cabe. É, pois, manifesto ser a paz universal a mais alta condição da bem-aventurança humana e o melhor meio para alcançá-la. Por outro lado, que prometeram aos pastores os anjos do Senhor? Não foram riquezas, nem prazeres, nem honras, nem longa vida, nem saúde, nem força, nem tão pouco beleza, mas apenas *paz*. *Pax vobis* — a paz esteja convosco, assim saudava aos homens Aquêlê que é a *saúde* dos homens, porque o supremo Salvador devia naturalmente dirigir aos homens a saudação mais perfeita. É, portanto, a paz universal o meio mais imediatamente requerido a fim de alcançar-se o objetivo para o qual tendem todos os nossos atos. Assiste-nos, pois, o direito de exigir satisfaça a sociedade do gênero humano a tôdas as condições para que afinal reine a paz no mundo inteiro”.⁴⁸

Para isto pensava o vate ser necessária uma autoridade suprema que, sobrepondo-se aos interesses de todos os Estados, fôsse capaz de tornar-se o árbitro de seus conflitos.⁴⁹ Não podendo, em seu tempo, pensar *em uma constituição universal ou carta das Nações Unidas*,⁵⁰ propunha, para resolver o problema da paz, a monarquia universal, a exemplo do que acontecera com a *paz romana*, obtida com o estabelecimento do Império, quando Roma obedecia a Augusto e o mundo a Roma.⁵¹

Por aqui se vê não ser Dante apenas poeta, mas ainda pensador, e pensador profundo e original.

48 — Vide Dante: *De Monarchia*, I, 4 e Gilson, *op. cit.*, pp. 123 e 124.

49 — Vide Dante: *op. cit.*, I, 10, e Gilson, *op. cit.*, pp. 126 e 127.

50 — Vide Gilson, *op. cit.*, p. 131.

51 — Vide Dante, *op. cit.*, I, 16, e Gilson, *op. cit.*, p. 132.

Um aspecto em que, não obstante o seu sincero apêgo à ortodoxia católica, foi êle ainda, sem se dar conta, um revolucionário, é o seu entusiasmo pela antiguidade, tornando-se, assim, o primeiro dos humanistas.

Apesar de referir-se, no canto primeiro do *Inferno*, ao tempo dos deuses falsos e mentirosos:

Al tempo degli dei falsi e bugiardi,⁵²

êle não desprezou o humanismo clássico, deixando transparecer-lhe as reminiscências em tôda a *Divina Comédia*.

Depois de aludir, no *Inferno*, ao soberano Júpiter,⁵³ invoca-o no *Purgatório*:

*E se licito m'è, o sommo Giove
Che fosti in terra per noi crocifisso*.⁵⁴

E, no último canto do *Paraíso*, ainda se refere à Sibília e a Netuno.⁵⁵

Sua preocupação com o conhecimento exato e com a cultura metódica do ser humano levou-o ao estudo dos autores antigos — filósofos, poetas, historiadores. Discípulo de Aristóteles e de Vergílio, êle pensava que todo saber provém da Grécia, assim como a autoridade do Estado procede de Roma.⁵⁶ Conforme salienta Renaudet num livro monumental — *Dante Humaniste* — “ciência e razão de Atenas, arte romana do govêrno, eram dádivas divinas; e o próprio Deus havia querido que as religiões antigas, apesar de seus erros e de seus desvios, fôsem capazes de proporcionar aos homens alguns clarões de verdade santa. Eis por que o poeta cristão, desde os primeiros tercetos do poema consagrado à glória celeste do Paraíso, pôde invocar o deus jovem e triunfante de Delfos⁵⁷ e, logo no comêço do segundo canto, proclamar

52 — Dante: *Inferno*, c. I, v. 72.

53 — *Idem*, *ibidem*, c. XXXI, v. 92.

54 — *Idem*, *Purgatório*, c. VI, vv. 118-119.

55 — *Idem*, *Paradiso*, c. XXXIII, vv. 66 e 96.

56 — Vide Augustin Renaudet: *Dante Humaniste*, p. 15 da ed. cit.

57 — Dante: *Paradiso*, canto I, vv. 13 e 33.

que escrevia sob o ditado de Minerva e a direção de Apolo, enquanto as nove Musas lhe apontavam as constelações polares":⁵⁸

*Minerva spira, e conducemi Apollo,
E nove Muse ma dimostrar l'Orse.*⁵⁹

"Antes de Petrarca haver tentado fixar, em termos frequentemente ambíguos, sua doutrina, o humanismo dos Padres da Igreja, dos escolásticos e dos místicos, de Santo Tomás e de São Bernardo (sustentado em Dante por um conhecimento vasto e afetuoso da antiguidade, e por um trato seguro com as mais variadas formas do pensamento e da experiência do cristianismo), havia encontrado derradeira e magnífica afirmação no *Convívio*, na *Monarquia* e na *Divina Comédia*. Todo um passado revivia nesses livros e um mundo novo neles se apresentava em germe. Se Renan saudou em Petrarca o primeiro homem moderno, Burckhardt já havia descoberto em Dante os traços essenciais do homem do Renascimento e, entretanto, a *Divina Comédia*, com o *Convívio* e a *Monarquia*, constitui a síntese do pensamento medievo. Analisar o humanismo de Dante — conclui Renaudet — equivale a estudar, num caso eminente, o problema do humanismo medieval e de um primeiro surto da Renascença no coração de uma obra que é o testamento intelectual, moral e religioso da Idade Média".⁶⁰

"Depois de longa aversão, o humanismo helênico e espinozista de Goethe acabou acolhendo, nas últimas cenas do segundo *Fausto*, os símbolos do *Paraíso* dantesco. E também o florentino, em seu poema católico, acolhera os símbolos que lhe ofereciam o pensamento, a arte, a poesia da Grécia e de Roma, a humanidade de Vergílio. Esboçou-se assim a imagem de um humanismo eterno, forma primeira e também derradeira e suprema à qual incumbiria ordenar e disciplinar todas as potências do espírito",⁶¹ porque, como observa André

58 — Vide Augustin Renaudet, *loco citato*.

59 — Dante: *Paradiso*, canto II, vv. 8 e 9.

60 — Vide Augustin Renaudet, *op. cit.*, p. 30.

61 — *Idem*, *ibidem*, p. 555.

Gide, "o humanismo tende a compreender e absorver todas as formas de vida, a explicar e assimilar todas as crenças, mesmo as que o repelem, mesmo as que o negam".⁶²

Sobre Dante e sua obra existe imensa biblioteca e são milhares os estudos, artigos e referências que, a seu respeito, saem todos os dias em livros, revistas, jornais, palestras e cursos universitários do mundo inteiro. Uma exposição, mesmo muito imperfeita, sobre ele e sua obra exigiria um curso de conferências, como os que anualmente, há mais de um século, se vêm realizando em Florença e outras cidades da Itália.

Não estando em condições de abalar-me a fazê-lo, não posso, entretanto, encerrar esta palestra sem tecer ainda algumas considerações sobre o poema a que puseram mãos o céu e a terra:

*Al quale ha posto mano e cielo e terra.*⁶³

O que logo impressiona a quem penetra nêsse cosmos poético é "a admirável simetria através da qual o vate conseguiu abarcar o mais vasto conjunto de fatos e idéias, sem perder-se um instante, sem que o número infinito das minúcias, das descrições e dos episódios prejudique a harmonia da composição".

Trata-se de uma viagem ao além-túmulo "num quadro bem definido, maravilhosamente concreto, a ponto de se poder traçar, com surpreendente precisão, a "topografia dos lugares que Dante visita, cujos diversos aspectos, cujas paisagens ele descreve com uma lucidez que dá a ilusão da realidade... O lugar da cena é — nada mais, nada menos — o universo, desde as mais insondáveis profundidades do abismo até os espaços infinitos, que se estendem imóveis além das mais longínquas esferas celestes. E a imaginação do poeta se atira, alegre e feliz, através desses mistérios e desses esplendores, sem um ofuscamento, sem uma vertigem, sentindo-se que está completamente à vontade em seu domínio".⁶⁴

62 — Vide André Gide: *Journal 1889-1939*, Paris, Bibliothèque de la Pléiade, 1941, apud Augustin Renaudet *loco citato*.

63 — Dante: *Paradiso*, c. XXV, v. 2.

64 — Vide Henri Hauvette, *op. cit.*, pp. 224 e 225.

Muitas viagens reais apresentam menos nitidez e relevo nas minúcias do que esse *sonho super-humano*. Tal a precisão das descrições que, não só foi possível reproduzir, pela gravura, a topografia do mundo sobrenatural percorrido pelo poeta, e medir a altura das montanhas e a profundidade dos abismos por ele vistos no *Inferno*, mas ainda houve quem calculasse a duração de cada uma das etapas de sua viagem. Alguns desses *commentatori troppo profondi* acharam que a viagem dantesca, até à partida para as esferas fixas, havia durado precisamente *ore cento sessanta due, minuti tre*, o que motivou a ponderação de Agnelli: *graziosi questi tre minuti...* ⁶⁵

Sustentava Laménais que a *Divina Comédia* é, a um tempo, “um túmulo e um berço: o túmulo magnífico de um mundo que se foi e o berço de um mundo prestes a nascer; um pórtico entre dois templos: o do passado e o do futuro. O passado nêle depositou suas crenças, suas idéias, sua ciência, como os egípcios guardavam seus reis e seus deuses simbólicos nos sepulcros de Tebas e Mênfis. O futuro para ele traz suas aspirações e os germes de uma língua nascente e de uma esplêndida poesia... Duplamente criador, Dante plasma ao mesmo tempo um poema sem modelo e uma língua magnífica, exclusivamente dêle. A nitidez e a precisão, uma concisão indefinível e pitoresca, distinguem particularmente a sua linguagem, refletindo, de algum modo, o seu gênio, nervoso, lacônico, inimigo de palavreado inútil, tudo resumindo e fazendo passar, de sua alma para outras almas, idéias, sentimentos e imagens, por uma espécie de comunicação direta, quase independente de palavras”.

Mas, no *Canzoniere*, no *Convivio*, na *Vita Nuova* e na *Divina Comédia*, Dante não foi só, como diz Carlyle, *a voz de des séculos silenciosos*, ⁶⁶ porque, além de fixar uma língua rude e até então informe, transformando-a em instrumen-

65 — Vide Agnelli: *Topocronografia del viaggio dantesco*, Milano, Hoepli, 1891, apud Silvio Vieira Souto: *A Bandeira Nacional*, artigos episódicos em colaboração com Alípio Bandeira, Rio, Tipografia Marques, Araújo e Cia., 1921, p. 33.

66 — Vide Carlyle: *Os Heróis*, p. 137 da trad. francesa de Jean Izoulet, Librairie Armand Colin, Paris, 1918.

to maravilhosamente rico, dúctil e luminoso, ele se revelou ainda um poeta de insuperável lirismo, de que são exemplos típicos vários episódios da *Divina Comédia*, entre os quais o de Francesca da Rimini ⁶⁷ e toda a *Vita Nuova* que, no dizer de Emerson, é a *Bíblia do amor*!

Pela primeira vez, desde o fim da Antiguidade, deparamos em Dante com um artista de primeira ordem. E, “numa época em que tudo ficava inacabado, a *Summa* de Santo Tomás de Aquino assim como as catedrais, a *Divina Comédia* — imensa enciclopédia de todos os conhecimentos do tempo — é o primeiro monumento completo, simétrico e harmônico em todas as suas partes”. ⁶⁸

Não espanta, assim, a impressão por ele produzida sobre os artistas, desde Giotto até Boticelli, Rafael, Miguel Ângelo, Gustave Doré, Rodin e tantos outros, aos quais forneceu idéias e temas para as suas telas e mármore imortais.

Na *Política Positiva*, que prepara uma religião puramente humana e faz, nas palavras de Étienne Gilson, “pensar num Agostinho ateu, cuja *Cidade de Deus* descende do céu sobre a terra”, ⁶⁹ Augusto Comte concebe a Humanidade como *o conjunto dos seres convergentes*, ⁷⁰ *memória dos mortos*, *inspiração e guia dos vivos* — *alma coletiva*, *suma de todos os altos pensamentos*, *de todos os nobres sentimentos e de todos os grandes esforços dos homens através dos tempos*. ⁷¹ E quem, a seus olhos, a simboliza é a mulher, que, como mãe, irmã, esposa e filha, conduz e ampara o homem no caminho da perfeição.

Maria que, na Idade Média, foi a *dama dos corações desocupados*, ⁷² encarna admiravelmente essa Humanidade, redimida no *Paraíso* de Dante. Resumo das mais altas aspira-

67 — Vide Henri Hauvette, *op. cit.*, pp. 359-361.

68 — Vide Marc Monnier: *La Renaissance, de Dante à Luther*, Paris, Librairie Firmin Didot, 1884, pp. 65-66.

69 — Vide Étienne Gilson: *L'esprit de la philosophie médiévale*, p. 375, Paris, Librairie, J. Vrin, 1948.

70 — Vide A. Comte: *Catecismo Positivista*, p. 72 da trad. portuguesa de Miguel Lemos, ed. cit.

71 — Vide Joseph Lonchampt: *Ensaio sobre a Oração*, p. 11 da trad. portuguesa de Miguel Lemos, Rio, 1896.

72 — Vide A. Comte: *Système de Politique Positive*, t. III, p. 486.

ções, nada, na poesia mundial de todos os tempos, equivale à oração de São Bernardo no último canto do *Paraíso*, aplicada, pelo fundador da Sociologia, à Humanidade: ⁷³

*Vergine madre, figlia del tuo Figlio,
umile e alta più che creatura,
termine fisso d'eterno consiglio*

.....

.....

*Donna, se'tanto grande e tanto vali
che qual vuol grazia ed a te non ricorre,
sua disianza vuol volar sanz'ali.
La tua benignità non pur socorre
a chi domanda, ma molte fiate
liberamente al domandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
quantunque in creatura è di bontate!* ⁷⁴

Florença, como se sabe, reclamou de Ravena, durante muitos anos, os despojos mortais de seu grande filho. Hoje, porém, é a Humanidade inteira que, para si reivindica Dante como um dos mais poderosos intérpretes de seus sentimentos, de suas dores, de seus sonhos e de seus anelos.

O pensamento medieval transmudou-se, na *Divina Comédia*, em música perene, ⁷⁵ e não é crível “consiga a força humana subir mais alto, nem possa haver uma poesia mais possante, mais grandiosa, mais cósmica, permanecendo, todavia, por vezes, áspera e trágicamente terrena”. ⁷⁶

⁷³ — *Idem*, *ibidem*, t. II, p. 122.

⁷⁴ — Dante: *Paradiso*, canto XXXIII, vv. 1-21.

⁷⁵ — *Vide* Carlyle, *op. cit.*, p. 155.

⁷⁶ — *Vide* *La Civilisation Occidentale au Moyen Age du XIe au milieu du XVe, siècle* par Henri Pirenne, Gustave Cohen e Henri Focillon, t. VIII da coleção *Histoire Générale* publiée sous la direction de Gustave Glotz, Paris, Les Presses Universitaires, 1933, p. 346.

Foi a Idade Média, injustamente acusada de tenebrosa, ⁷⁷ que, “encarnada no florentino, ergueu esse ponto culminante da poesia. Honra, pois, a êle e a essa grande e admirável Itália, madre espiritual da gente latina, terra abençoada, herdeira de Roma, que, por seu intermédio, reconquistou, para sempre, no mundo, o único império que só perecerá com a própria humanidade — o império do espírito”. ⁷⁸

⁷⁷ — *Vide* A. Comte: *Curso de Filosofia Positiva*, t. V, p. 331 da 3ª ed.

⁷⁸ — *Vide* *La Civilisation Occidentale au Moyen Age du XIe au milieu du XVe, siècle* par Henri Pirenne, Gustave Cohen e Henri Focillon, p. 346 da ed. cit.